

Universidade de Ijuí
Editora UNIJUÍ

CONTEXTO & EDUCAÇÃO

Revista de Educação em América Latina
y el Caribe

ISSN 0102-8758

Ano VII, nº 26 - Abril/Junho 1992

Catálogo na Fonte

Bibliotecária

NELCY T. R. KEGLER

CRB – 10/809

Contexto & Educação / Universidade de Ijuí. — v.1,
n.1 (1986)— . Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1986 —

Trimestral

7(26) Abr./Jun. 1992.

CDU: 37(81)(05)

CONTEXTO & EDUCAÇÃO

CONSELHO EDITORIAL: Dinarte Belato, Enio Valdir da Silva, Maria Cristina P. Araújo, Cláudio B. Garcia, Gaudêncio Frigotto, Maria Luiza Lucchese.

CONSELHO DE REDAÇÃO: Marco Raúl Mejía Jiménez (Colômbia), Jorge Osorio Vargas (Chile), Manuel Iguiñiz (Peru), Oscar H. Jara (Costa Rica), Eunice S. Trein (Rio de Janeiro), João Francisco de Souza (Pernambuco), Maria A. Ciavatta Franco (AELAC-Brasil), Mario Osorio Marques (Universidade de Ijuí).

EDITOR: Mario Osorio Marques

TRADUÇÃO DOS RESUMOS: Cristian Giles

COMPOSIÇÃO: Ângela Oliveira, Denise Tamiozzo, Evandro Godoy

DIAGRAMAÇÃO: Joel Corso

CAPA E PROGRAMAÇÃO VISUAL: Vilson M. Mattos

Ilustração da Capa Inspirada na Foto do Templo de Kulkucán

CONTEXTO & EDUCAÇÃO, aberta à livre circulação de idéias e opiniões sobre temas relacionados com a educação, busca colaboração ampla e diversificada, sendo de inteira responsabilidade dos seus autores os artigos assinados.

Redação e Administração:

Universidade de Ijuí — Editora UNIJUÍ

Editores, Assinaturas, Vendas e Distribuição:

Livraria UNIJUÍ Editora

Rua do Comércio, 1364

Fone: (055) 332-3900 e 6900 -- Fax: (055) 332-3117

98700 000 -- IJUÍ -- RS

-- BRASIL --

SUMÁRIO

Nº 26, Abr./Jun. de 1992

EDITORIAL 5

Eso Que Llamamos Pedagogía 7

Luis Antonio Bigott, presidente da Associação de Educadores da América Latina e Caribe - AELAC, encaminha reflexão sobre uma Pedagogia enraizada nos movimentos sociais e na originalidade do pensamento pedagógico latino-americano e caribenho.

Política de Cooperação Latino-Americana em Pesquisa Educacional - Uma Reflexão a Partir de Nossas Diferenças 15

Maria A. Ciavatta Franco, licenciada em Filosofia, doutora em Educação, professora do Mestrado em Educação da Universidade Federal Fluminense e Vice-Presidente da Associação de Educadores da América Latina e Caribe - AELAC, propõe, no respeito às especificidades de cada país, um compromisso solidário de construção das pesquisas e das políticas educacionais.

Las Organizaciones No Gubernamentales Latinoamericanas Frente a las Necesidades Basicas de Aprendizaje - Aportes e Desafios de Jomtien 21

O Encontro Latino-americano de ONGs, realizado em Punta del Tralca, Chile, abril de 1992, apresenta uma síntese da Declaração Mundial sobre Educação para Todos e a interpretação à luz das condições da América Latina e das experiências das Organizações Não-Governamentais.

Dilemas Actuales de la Política Educativa en America Latina 48

Jorge Osorio, chileno, licenciado em História e diplomado em Direitos Humanos no Instituto de Estudos Sociais de Haya, Holanda, atual Secretário Geral do CEAAL, chama a atenção para a responsabilidade de todos na definição de uma política de educação com qualidade política.

Educación y Democracia 57

Carlos Nuñez Hurtado, mexicano, arquiteto especializado em habitação cooperativa, educação e comunicação popular e desenvolvimento comunitário, fundador do Instituto Mexicano para o Desenvolvimento Comunitário e atual Presidente do CEAAL, afirma a necessidade de uma nova cultura política construída com flexibilidade pela educação ligada aos movimentos populares.

500 Años de Resistencia 63

Carlos Intimpampa A., índio boliviano, licenciado em Teologia e pastor da Igreja Evangélica Luterana da Bolívia, denuncia a traição ao Evangelho na negação da religiosidade dos indígenas americanos.

500 Anos de "Conquista" 71

Hains Dressler, pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e atual dirigente da Obra Ecumênica de Bolsas de Estudo, de Bochum, Alemanha, adverte para a cumplicidade européia, ontem e hoje, na exploração e discriminação da América Latina.

Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global 79

Grupo de Trabalho das ONGs apresenta os princípios da educação ambiental, um plano de ação, os sistemas de coordenação, os grupos a serem envolvidos e as fontes de recursos.

EDITORIAL

Necessitamos, os interessados em educação na América Latina e no Caribe, construir nossa própria Pedagogia, no sentido de nos entendermos sobre o que é e o que queremos seja nossa educação, sobre como organizar e conduzir nossas práticas educativas.

As chamadas ciências da Educação, indispensável cada uma delas, necessitam reconstruir-se na referência à concretude de novas práticas educativas vistas à luz de nossos interesses e lutas, na dimensão de nossas insuficiências tanto quanto na rica gama de nossas conquistas e de nossos sonhos e aspirações.

Mas é necessário que se articulem as ciências da educação no eixo vertebrador da Pedagogia aberta à complexidade de nosso esforço educativo, dos desafios muitos que nos são comuns e das peculiaridades em que se manifesta a positividade dos grupos e movimentos sociais, dos países e regiões. Sem a redução ao império de forma única, um padrão a partir do qual nos diferenciaríamos, somos distintos entre nós, capazes de, potenciando nossas peculiares riquezas, construirmos a unidade política, cultural e social em que se irmanam nossos povos, autônomos na originalidade da inserção adulta nos vastos horizontes de uma humanidade nova.

Os apelos da Carta Mundial de Educação para Todos, no sentido da reflexão e discussão das necessidades básicas da aprendizagem com qualidade, equidade, efetividade e eficácia, mobilizam já a sociedade civil latino-americana, que necessita, porém, repensar suas políticas globais e a longo prazo de educação e construir seus próprios estilos de planejamento e administração, sua própria pedagogia da organização e condução democráticas dos processos da educação.

Faz-se mister, de modo especial, o fortalecimento e qualificação das ações educativas demandadas ao Estado, muito mais desde a construção de uma nova cultura política inserida na vida das populações, de uma nova consciência democrática, do que dos ritos formais da participação, que não podem fugir dos constrangimentos de uma democracia meramente representativa, limitante das capacidades de auto-gestão e dissidência, da autonomia das decisões cotidianas, da reconstrução permanente das competências da palavra e da ação políticas.

Oxalá a reflexão sobre os 500 anos de nossa inserção na História Universal nos leve à superação da fase da conquista arrasadora e da resistência heróica, superação no sentido da inauguração de um novo tempo de respeito e admiração pelas nossas diversidades e pelas peculiares formas de sermos, cada qual e cada grupo a seu modo, concidadãos de um mundo novo: o mundo social dos homens dignos.

Encontra-se já no prelo o nº 27 de Contexto e Educação, dedicado ao tema: **Ciência e Tecnologia na Escola: novas posturas de frente à educação do trabalhador.** Para o nº 28, aguardamos artigos sobre o tema: **Os Sindicatos de Professores na América Latina e no Caribe.**

Solicitamos, também, o concurso de nossos leitores para a definição de temas e indicação de possíveis colaborações para os números de 1993. Agradecemos as manifestações de apreço e apoio à edição da Revista.

Ijuí, junho de 1992

Mario Osorio Marques
Editor

ESO QUE LLAMAMOS PEDAGOGÍA*

Luis Antonio Bigott
Presidente AELAC

Propuesta para reflexión sobre una Pedagogía de educación que se integre en la complejidad de condicionamientos, que caracterizan la totalidad social, lo que en el caso de América Latina y del Caribe, se devela en los mismos problemas de enfrentar: un apelo para que se construya una Pedagogía enraizada en los movimientos sociales y en la originalidad del pensamiento Latinoamericano y Caribeño.

Propõe-se a reflexão sobre uma Pedagogia referida à educação que se insere na complexidade de condicionamientos que caracterizam a totalidad social, o que, no caso da América Latina e do Caribe se revela nos mesmos problemas a enfrentar: um apelo a que se construa uma Pedagogia enraizada nos movimentos sociais e na originalidade do pensamento Latino-Americano e Caribenho.

* Primer Seminario Internacional de Pedagogía Latinoamericana y Caribeña realizado en Caripe del Grácharo, Venezuela, en mayo de 1991. Texto publicado originalmente en BIGOTT, Luis Antonio, LAREZ, Ronald et al. *Educación para transformar.* Caracas: Editorial Abre Brecha, C. A. 1991.

Maestro Luis Mariano Rivera, Compañeros Delegados Internacionales, Educadores Venezolanos:

Permítanme en esta mañana mantener una fluída conversación con ustedes, expresarles una angustia, ejercitar la imaginación, exorcisar mis demonios interiores, con el objetivo de plantearles problemas para la reflexión, la discusión. En verdad son mis problemas. Es mi deseo y pido excusas por ello, que las palabras se atropellen y salgan en busca de libertad para después regresar con mayor fuerza semiótica y al compás del son que indudablemente le imprimirán ustedes.

En primer lugar es necesario preguntarnos si el estudio de la educación y la construcción del objeto educación, pertenecen de suyo, al campo de la Pedagogía o de las Ciencias de la Educación. Para muchos epistemólogos la educación - ese conjunto complejo y variable - es el objeto "real" de la Pedagogía; para otros constituye el campo epistémico de las Ciencias de la Educación, con sus expresiones disciplinares: Historia de la Educación, Sociología de la Educación, Psicología de la Educación, Economía de la Educación y Antropología de la Educación. A su lado una estructura más que disciplinar, metacientífica: La Filosofía de la Educación. Es en este vórtice cuando la pedagogía se transforma, se transpa-

renta en metaciencia, en "Metapedagogía", cuando intenta reflexionar sobre ella misma; es decir cuando esa nueva avis rara que son los epistemólogos educativos, intentan proponer una especie de construcción discursiva, un paradigma sobre ella misma. Yo, humildemente desde acá, desde Caripe del Guácharo - y esto es en el real maravilloso carpenteriano - me atrevo a decir que en los actuales momentos no existe una Pedagogía construída como ciencia, acepto que puede encontrarse en vías de constitución. Además permítanme decirles un secreto: no me produce ningún estado depresivo el saber que los objetos sobre los cuales trabajo, las metodólicas construídas y los resultados obtenidos no pertenecen a la esfera científica. Recuerdo que Savater afirmaba que la Ciencia se había constituido en una nueva religión: con sus iglesias, sus dogmas y sacerdotes. Estos últimos administraban los dogmas con un apego felino y no eran otros que los científicos. Ellos nos dicen - imagínense Uds. en el hoy contradictorio - que cosa es ciencia y que no es, que es verdad y que es mentira, falsedad. Bien, como para gritarles esa cariñosa expresión que recorre el Caribe: ráyate y tírate al guinde.

Uno de los graves problemas que enfrentamos los educadores sumados a los de hambre, la miseria, la persecución y la incompreensión - lo constituye la forma de abordaje del problema educacional. La metódica dominante describe al fenómeno educativo como un objeto autónomo de la totalidad social, con característi-

cas y leyes propias, muchas de ellas derivadas de la bifontalidad disciplinar y donde se produce una marcada dominancia en la relación de algunas de las disciplinas. En esta forma y en la actualidad existe un sesgo al dominar la versión psicologista; el problema educacional se reduce al área del aprendizaje, de la enseñanza o del binomio construido enseñanza aprendizaje. A partir de acá se hace determinante el estudio de factores intervinientes en la acción de enseñar: el educador y el aprendiz. Dominará el estudio de los métodos de enseñanza (la didáctica) y las teorías del aprendizaje. Todo ello en una sociedad inmutable, de superficie plana, no conflictiva.

De allí la universalización y cosificación de los métodos de enseñanza, de allí el traslado indiscriminado, acrítico, de tecnologías educacionales. Si en los países centrales, el producto de su desarrollo investigativo y de sus métodos o modelos cosificados hacían del quehacer experimentalista un paradigma, nosotros lo asumíamos y lo hacíamos extensivo al campo de la investigación social en general y al educativo en particular. Transitamos en el submundo del análisis bifactorial, en el estudio de un fenómeno tan complejo y tan variable como lo es el educacional a través del prisma aséptico de la unidireccionalidad interna. Asepsiamos a la educación nada menos que de su esfera contaminante por excelencia: lo social.

Creemos por lo contrario, que la educación es la resultante de un complejo de condicionantes que caracteri-

zan a la totalidad social, condicionantes que varían de intensidad en la diversidad de formaciones sociales y que son elementos indispensables a estudiar para reconstruir - si se quiere parcialmente - los rasgos fotográficos del complejo educativo. Por otra parte estos condicionantes incluyen variables temporales, espaciales que de golpe lo subsumen en un plano de marcadas relaciones internacionales. Nos atrevemos en este punto proponer un marco analítico de análisis que comprende:

- a) El marco internacional en el cual se desarrollan las concepciones sobre educación;
- b) Las características espacio-temporales de América Latina y del Caribe, en el momento que surgen y se desarrollan las teorías y metodólicas explicativas de lo educacional; y
- c) La historia intelectual, para en esta forma diferenciar la ideología que sobre educación domina en países europeos y anglosajones y las manejadas en la actualidad por diversos sectores en la región latinoamericana y caribeña.

Es decir, está llegando la hora de la destrucción paradigmática europea y norteamericana; viene una conga arrollando desde América Latina y el Caribe - buscando inserción en el pensamiento universal; una nueva cosmovisión educativa, como en años atrás en la literatura surgió una narrativa y una temática que asombran todavía a los fieles seguidores de Proust y Faulkner. Si el mundo actual se en-

cuentra conmocionado y es seguro que se conmocionará aún más, no dudemos que América Latina producirá elementos importantes a esa conmoción.

Bien, regresemos a lo nuestro. Existe una disciplina: la Historia de la Educación; sin embargo no es Historia de la Educación sino Historia de la Educación en Europa y en algunos pasajes, la historia de la Educación de los Estados Unidos de Norteamérica. Existe una Historia Comparada de la Educación en México del maestro Larroyo, muy fraccionadas - me perdonas Isaías Orozco, extraordinario amigo y delegado de México - una historia con demasiados cortes, demasiados vacíos y donde de golpe pareciera desaparecer el hombre. Existen otras historias fraccionadas en algunas áreas del continente. No hemos construido una Historia de la Educación Latinoamericana y Caribeña. Esto constituye una aberración. La construcción de una historia de la Educación en América latina y el Caribe, la develación de sus métodos y sus experiencias. tiene que ser una historia razonada y no simple historia cuantitativa o fáctica. En este sentido nuestro análisis va dirigido a proponer interpretaciones específicas que articulen la historia del cambio social como factor determinante en la construcción de esa historia.

En nuestro caso, entendemos a la educación como una unidad heterogénea - para efectos de su análisis -, con altibajos sobresalientes en sus partes constitutivas pero que en su conjunto, permite un análisis global. Por ello es indispensable partir de los procesos de transformación social

propuestos en el continente y de los mecanismos de descolonización a nivel planetario, específicamente en Asia y Africa.

¿Qué ha pasado con la Psicología de la Educación Latinoamericana y Caribeña? ¿Qué somos nosotros, los latinoamericanos? El Latinoamericano y el caribeño presentan formas de ser contradictorias, no existiendo posibilidad a simple vista unificantes - el hombre que mastica su angustia en los altos bolivianos con el risueño y escandaloso caribeño - y sin embargo la angustia y el sufrimiento es el mismo. La unidad se localiza entonces en la heterogeneidad cultural por la vía de la unicidad de los problemas que los atormentan. Nosotros representamos expresiones corporales diferentes, nuestro paisaje es diferente. Cuando a un europeo se le menciona un río, imposible que se imagine al Orinoco o al Amazonas. Si Ud. le habla de la lluvia, no entenderá estos aguaceros que al decir de García Márquez duran cien días y cien noches. El Latinoamericano en esa especie de acción hipostática, sincero y heroico, desalentador y a veces cínico, construye un mundo de imágenes cuya resultante no puede ser captada, entendida, explicada por una metáfora y lo que es más importante comprendida con un instrumental psicológico elaborado para entender las realidades nórdicas y el comportamiento sexual de los esquimales.

En América Latina y en el Caribe, la educación se desarrolla en un marco de permanente subversión. En este sentido es procedente la referencia a Albert Camus en *L'Homme Révolté* cuando señalaba que el rebelde

es un hombre que dice no, pero que no renuncia a su mundo y le dice sí, por cuanto en ello ve el sentido de la consciencia de lucha. Dentro de ese estado de subversión justificada como expresara nuestro amigo Julio Barreiro, podrán entenderse conceptos sociológicos relacionados como cambio marginal, cambio significativo, antiélite, guerrilla. Estos elementos tratan de representar a su vez, elementos de una sociedad parcial que se transforma en el seno de otra que persiste en la tradición, son una especie de contra-sociedad. Así, la subversión se descubre como una estrategia mayor y un proceso de cambio social y económico visto toda en su amplitud, y no sólo como una categoría para analizar la conducta divergente o los productos marginales producidos por la industrialización. La subversión se define como aquella condición o situación que refleja las incongruencias internas de un orden social descubiertas por miembros de ésta en un período histórico determinado, a la luz de nuevas metas, de nuevas utopías que una sociedad quiere alcanzar.

A esta situación es que me refiero para decir que es en el interior de esta realidad contradictoria, donde se construye esa Sociología Latinoamericana y Caribeña de la Educación. No sobre la base de la simple traslación de paradigmas que sólo hablan de categorías funcionales y disfuncionales y que plantean modelos de equilibrio de la sociedad. Al interior de esta interpretación los educadores parecerían tener las siguientes funciones que se suman a las de ser simples enseñantes:

- 1 - Iniciar la creación y difusión de nuevos valores y alternativas dentro del orden social establecido y
- 2 - Constituir grupos de referencia para otras colectividades en la búsqueda de nuevas formas organizativas e igualitarias de la sociedad.

Una Sociología Latinoamericana de la Educación encontrará elementos importantes al analizar el pensamiento difundido en los movimientos sociales que han convulsionado la historia de América y del Caribe. Quizás donde hemos avanzado más es en la construcción de una Sociología Latinoamericana y nos encontramos rezagados en la elaboración de la Sociología Latinoamericana y Caribeña de la Educación.

Otro rasgo importante es la negación de la Filosofía Latinoamericana o de las Filosofías Latinoamericanas. Si hemos aceptado la presencia de rasgos definitorios de intento de construir una Sociología Latinoamericana, es indudable la presencia de una filosofía Latinoamericana que va desde aquel primer momento de carácter óntico, al ontológico para transparentar posteriormente en una especie de meta-física de la liberación. Negar la Filosofía Latinoamericana es como negar a América Latina en su conjunto. Los esfuerzos de Leopoldo Zea, de Augusto Sebastian Bondy, quedarán para sólo ser admirados en una caja de un extraviado taxidermista. Se encuentra además un esfuerzo por construir una Filosofía de la Educación Latinoamericana. Esfuerzos con-

continentales existen, nuestro querido maestro Paulo Freire vive para contarlo. Allí está su obra, no hagamos de ella cenizas como a diario no los exigen los centros de dominación al lado de sus recetas monetaristas. No creo que ninguno de los reunidos en este auditorium en esta mañana del oriente venezolano nos acerquemos a Brasil para en la modesta vivienda allá en São Paulo decirle a Freire, "Mira panita, te queremos mucho pero eso que haces no es Filosofía Latinoamericana, así que chao." Acá, si no puede funcionar en nosotros el síndrome de la neocolonización. Existe en América Latina y en el Caribe un pensamiento original que presenta rasgos importantes para la construcción de una Filosofía de la Educación.

Frente a la posibilidad cierta de la construcción de una filosofía de la Educación Latinoamericana y Caribeña el regreso al inicio de mi conversación se hace indispensable. Es ahora posible imaginar en el mundo de los sueños, la construcción de una Historia, de una Sociología, de una Psicología, de una Antropología de la Educación para estas latitudes. La Historia de la Educación de América Latina y del Caribe será el producto de innumerables historias particulares, locales, microhistorias de cada una de nuestras regiones. La inserción de los psicólogos educativos en ese mundo contradictorio de violencia, miserias y herocidad, permitirá construir nuevos parámetros para la interpretación de lo que en verdad somos, porque lo que no podemos aceptar es nuestra no existencia real. Negación que se

expresa en la no existencia de cátedras para el estudio de la Historia de la Educación latinoamericana y del Caribe, en escuelas normales y en instituciones de Educación Superior dirigidas a la formación de educadores. Y miren Uds. que han existido hombres y mujeres en todo este continente que han ido construyendo un pensamiento pedagógico diferente pero ignorado, un pensamiento latinoamericano que es indispensable en esta hora rescatar. En Venezuela tenemos el caso del gran ignorado del siglo XIX, Simón Rodríguez que una vez y para siempre alertó: "Cuidado, no sea que por la manía de imitar servilmente a las naciones cultas, venga la América a hacer el papel de vieja en su infancia."

Compañeros de viaje, es la hora de concederles la palabra al maestro Isaías Orozco de México y a Rudolph Kelly de Aruba, entrañables amigos, ambos fundadores de la asociación de Educadores de Latinoamérica y del Caribe y en la actualidad Vicepresidentes de la Institución en sus respectivos países.

Concluiré esta improvisada conversación con dos reflexiones más.

Los problemas de la educación en nuestros países no podrán resolverse en el simple marco del saber académico. Me permito proponer un encuentro más dinámico, más activo entre el saber académico y el saber popular, ambos son el producto de la aplicación de modos específicos de producción de conocimientos; es decir, cada uno de ellos representan formas diferentes de racionalidad. El saber académico no se construye como piensan muchos sobre la base

de la destrucción del saber popular. Ambos se complementan y sobreviven en un entramado de relaciones características de la heterogeneidad estructural y cultural.

Resulta que muchos de nosotros nos encontramos todavía permeados por aquella ideología post Revolución Industrial y emanada de la vertiente positivista decimonónica según la cual, el verdadero saber es aquel que produce la ciencia y la validación de esa ciencia no se calcula en relación al tipo de conocimiento producido, sino en función de la metódica de investigación aplicada.

América Latina y el Caribe necesitan de ambos conocimientos, de ambas racionalidades. Para nosotros es tan válido y necesario el conocimiento derivado de las investigaciones en el terreno de la Biotecnología que tan exitosamente realizan nuestros hermanos cubanos, como el conocimiento de nuestros hermanos waraos que leen el destino en las aguas de los ríos. El desarrollo armónico de nuestros países sólo se logrará en una especie de combinatoria nodal entre diferentes formas tecnológicas, jugando un papel de primera importancia las tecnologías intermedias, las tecnologías blandas. En la Educación, el encuentro exitoso de estos saberes se sintetiza a mi entender en la Educación Popular. No en la clásica conceptualización de Educación Popular como extensión del servicio educacional, sino en ésta, nuestra Educación Popular dirigida a movilizar, a concientizar a la población en la búsqueda de formas organizacionales más solidarias. Educación Popular como un instrumento de búsqueda del co-

nocimiento que se expresa en la Investigación Acción Participación. Permítanme en treinta segundos realizar una acotación: existen investigadores de América Latina que están difundiendo la idea de que este tipo de investigación tiene hundidas sus raíces en concepciones anglosajonas. Hasta los tuétanos de los huesos ha permeado el estado de neocolonización. Educación Popular, acción dialógica, investigación acción participación, constituyen aportes de América Latina y el Caribe al mundo planetario de las ideas. ¡Por Dios, no minimicemos aún más nuestro accionar diario! ¡Vamos a sentirnos orgullosos de nuestro pasado y presente de violencias y traiciones, pero también de acciones heroicas y de construcción de un pensamiento original! ¿No basta acaso el estado de minusvalía racial e intelectual al cual nos someten los países dominantes dueños casi absolutos del capital y del desarrollo tecnológico? ¿También nosotros vamos a seguir rayándonos?

Resulta entonces, que el encuentro de los saberes, la Educación Popular, las metódicas investigativas participativas constituyen elementos importantes para la construcción de la nueva utopía.

Por último voy a referirme a un aspecto que golpea a diario nuestra puerta. En este tiempo histórico que nos corresponde vivir se están produciendo dos fenómenos que, teniendo núcleos generatrices diferentes, los medios de comunicación y los sectores dominantes de nuestras sociedades los han relacionado, conjugado diabólicamente. El primero de ellos se encuentra referido al desmantela-

miento del mundo socialista en Europa Oriental. Este fenómeno se presenta a escala planetaria como el final de las utopías socialistas, como el inevitable regreso al origen de un modelo de dominación que tendría su epicentro en la Revolución Industrial y posteriormente en la Revolución Francesa. Yo observo con gran pesimismo el futuro de la Unión Soviética, incluso de su existencia como unión de nacionalidades. Permítanme un chiste negro de tinte futurista: nada de raro tendría que dentro de pocos meses ocupen el trono los descendientes del Zar Nicolás y Lenin sea expulsado definitivamente del paraíso terrenal. Todo es posible. Sin embargo esto no significa el final de las utopías.

En nuestros países por otra parte, se plantea un reacomodo del modelo económico en la búsqueda de la nueva y tan vieja panacea: el neoliberalismo y la economía de mercado. El principio fundamental de la democracia igualitaria, suministradora de servicios, salud y educación queda trastocada. Ahora resulta que salud, servicios públicos y educación constituyen simples mercancías. Tienen valor de cambio no de uso; en consecuencia, tenemos que privatizarlo todo. Hasta nuestros sueños si es posible. En términos sencillos: muerta la utopía socialista según el imperio, de ahora en adelante todos, absolutamente todos a bailar el mismo ritmo unificante y salvador. No. En América Latina y en el Caribe, en África y en todos aquellos espacios habitados por los condenados de la tierra, se levantará la nueva utopía.

Compañeros educadores, pertenecemos a un mundo donde el 70%

de nuestros niños no se encuentran escolarizados. Del total de la población mundial, el 90% de los adultos analfabetos viven en este mundo de los desheredados como fue denunciado en la Conferencia Mundial sobre Educación para Todos, realizada en Bangkok, Tailandia. La crisis económica que caracteriza a nuestras naciones determina que un alto porcentaje de nuestros niños asistan a la escuela debilitados por el hambre, la desnutrición, las enfermedades endémicas no diagnosticadas o tratadas. Los países ricos por el contrario tienen de todo y de sobra como apuntara un compañero de ruta y de utopías, Tomás Borge: "tienen de todo incluida la soledad y la siesta demográfica más larga de la historia".

Entonces, educadores todos, acá nos encontramos, en el continente donde puede suceder cualquier cosa, entre pájaros y tigres, construyendo la única y posible utopía que significa vivir dignamente, solidariamente, intercambiando nuestros conocimientos, no permitiendo interreferencias que produzcan fracturas comunicacionales entre nuestros pueblos, pueblos de Latinoamérica y el Caribe que sólo aspiramos, como lo gritara hace años, muchos años, el venezolano Andrés Eloy Blanco: "a tener un pan del tamaño de nuestra hambre." Esta y no otras es la aspiración de la asociación de Educadores de Latinoamérica y del Caribe, ésta y no otra es la aspiración de los acá reunidos, ¿No es verdad Luis Mariano? ¿No es cierto Perucho Aguirre?

Muchas Gracias

POLÍTICA DE COOPERAÇÃO LATINO-AMERICANA EM PESQUISA EDUCACIONAL

Uma reflexão a partir de nossas diferenças*

Maria A. Ciavatta Franco

Na crítica aos conceitos usuais de diferença e de integração importa colocar-se o panorama de diversidade desde as especificidades de cada país da América Latina e do Caribe e desde as respostas que cada um dá aos desafios globais, para a busca do compromisso solidário na produção das pesquisas e das políticas educacionais.

En la crítica a los conceptos usuales de diferencia y de integración, lo que importa es tener en cuenta el panorama de la diversidad desde la especificidad de cada país de la América Latina y del Caribe, desde las respuestas que cada uno de ellos viene a dar a los desafíos globales, para la busca del campo más solidario en la producción de las pesquisas y de las políticas educacionales.

* Este tema foi apresentado no encontro de pesquisadores latino americanos sobre "A pesquisa e o processo de construção das leis na educação nacional" - Seminário conjunto INEP/FLACSO. Brasília, DF, 26-28 de junho de 1991. Agradecemos aos Profs. Gaudêncio Frigotto e Célia Linhares as valiosas sugestões sobre o tema.